

EDUCAÇÃO INCLUSIVA: A PRODUÇÃO DE ATIVIDADES AVALIATIVAS PARA TURMAS DE 9º ANO EM BOA VISTA – PB

Marília Félix Diniz Melo

*Universidade Estadual da Paraíba – UEPB/PPGPPF
mariliaafelix@gmail.com*

Resumo: O presente trabalho versará sobre a elaboração de atividades avaliativas, na Escola Francisca Leite Vitorino em Boa Vista – PB, para alunos de 9º ano que têm deficiências e estão em turmas regulares. Objetivando o aprimoramento, bem como a qualidade das práticas de ensino, o educador precisa utilizar recursos diversos, além da sensibilidade aguçada para a promoção da inclusão em sala de aula. Afinal, é um espaço interativo, dinâmico, participativo em que a aprendizagem se coloca como necessária, com vistas à concretização do processo de ensino. As atividades avaliativas fazem parte desse processo e colaboram para o estabelecimento do conhecimento. Entretanto, a verdadeira inclusão em sala ocorre quando os alunos estão inseridos em espaços regulares, objetivando a promoção da interação social e de conteúdos, não somente porque as Leis asseguram o estabelecimento das condições necessárias para uma educação igualitária, mas para que possamos desenvolver o potencial de cada aluno. Assim, utilizamos a adaptação dos conteúdos sugeridos para série supramencionada, de acordo com o tipo de deficiência que o aluno tem, sem que haja exclusão acerca dos assuntos que estão propostos para a série escolar, tão pouco sem que se tenha direcionamento focalizado na deficiência. Dentre outras as práticas de leitura e escrita fazem parte do processo de avaliação e nos ajudam a ampliar a capacidade de percepção e/ou o nível de dificuldade que determinado aluno se encontra.

Palavras-chave: Inclusão, Atividades, Ensino.

INTRODUÇÃO

A EMEIF Professora Francisca Leite Vitorino localiza-se na cidade de Boa Vista no agreste paraibano e tem em média 800 alunos matriculados, sendo que menos de 3% tem diagnóstico de deficiência. É a única escola no município que oferece a segunda fase do Ensino Fundamental, conta com Gestão Democrática e participativa, professores comprometidos com o ensino, coordenação pedagógica atuante, além de equipe multidisciplinar, incluindo o atendimento Educacional Especializado - AEE.

Preocupados com as práticas de inclusão e o andamento do processo avaliativo para os alunos com deficiência, fora pedido que os profissionais trouxessem alternativas contundentes para realização de atividades com vistas à promoção da inclusão, mas principalmente do conhecimento, afinal a inclusão no ambiente escolar ocorre quando práticas de ensino-aprendizagem envolvem desde dimensões cognitivas, incluindo as afetivas e sociais, sem esquecer a importância da compreensão, discussão, interpretação, ante determinados conteúdos exigidos para cada fase de ensino.

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

Em 2001, a Câmara da Educação Básica (CEB) através do Conselho Nacional da Educação (CNE), institui em seu Art. 1º as Diretrizes Nacionais para os alunos que apresentem necessidades especiais, na Educação Básica, em todas as suas etapas e modalidades, assegurando-lhes atendimento educacional especializado, ensino de qualidade para todos, promovendo o desenvolvimento das potencialidades dos educandos. Assim, a escola integrou-se a esta perspectiva e tenta oferecer uma educação integradora, sobretudo reflexiva diante das realidades que lhe são apresentadas.

Neste trabalho mostraremos algumas atividades utilizadas em turmas de 9º ano, nas aulas de Língua Portuguesa, desde o ano de 2013 na escola em questão, direcionadas a alunos com os mais diversos tipos de deficiências e/ou dificuldades de aprendizagem. Tais atividades começaram a ser produzidas a partir da indicação da equipe pedagógica, que atenta e preocupada com a aprendizagem de todos, orientou-nos para a relevância desta prática.

Muito se discute na atualidade acerca da inclusão, entretanto somente com a implementação das Leis que definiram as bases para o Ensino e a flexibilização dos currículos, além da assertiva para a promoção da qualidade com a qual se estabeleça a aprendizagem, é que se vê um novo cenário. Logo, há vivências que proporcionam a interação em sala de aula e promovem a integração benéfica se, por exemplo, os alunos com deficiências estão no mesmo espaço que os demais, posto que se inserem no contexto humanizado fator que contribui para a valorização das relações sociais, e difusão do respeito ante às diferenças, inclusive o estabelecimento de relações saudáveis em virtude das particularidades dos sujeitos.

Temos na escola, uma diversidade de alunos com deficiência e/ou dificuldades de aprendizagem; Síndrome de Down, Autismo, Retardo Mental, Dislexia, Transtorno Bipolar, Surdez, Asperger e outras; em séries diferentes e com assistencialismo direcionado pelos familiares e/ou escola, no contra turno escolar, quer no AEE – dentro da própria instituição, quer no Núcleo de Atenção Integral à Saúde Mental - NAISM do município, que conta com Equipes terapêutica, Médica e Oficinas para realização de atendimento individualizado, de aprendizagem e integração social.

Quando a escola promove o acolhimento, o assistencialismo está oportunizando a aprendizagem garantida por Lei para cumprir com seu papel. Todavia, ao se sensibilizar com as questões peculiares da aprendizagem e direcionar o conhecimento a partir das especificidades de determinado aluno, promove a inclusão educacional tão relevante para a conjuntura atual, é nessa perspectiva que temos trabalhado com os instrumentos de avaliação para alunos com deficiência na escola Francisca Leite.

METODOLOGIA

A implementação de Leis voltadas para a Inclusão oportunizou a convivência de alunos com necessidades educacionais especiais em turmas regulares, a fim de estabelecer convivências múltiplas, sem, contudo haver segregação, pois não há salas dedicadas exclusivamente a alunos com deficiência. Desta feita, conseguimos refletir acerca do processo de inclusão e do aprendizado ante a vivência com turmas heterogêneas. Já se sabe que a convivência/interação oriunda do compartilhamento de espaço entre alunos com e sem deficiência gera benefícios para ambos os lados. Destarte, os educandos vão formar uma ética e uma diversidade que lhe são espontânea, além de uma visão cidadã salutar, tornando o aluno com deficiência um sujeito participativo em vista de suas potencialidades.

Como já dito, o educador tem papel fundamental para garantir o sucesso dessa relação a partir da prática pedagógica e intervenção construtiva com vistas a promover o diálogo, usar estratégias que contemplem as peculiaridades de cada aluno, encorajar “o comportamento social e a interação da criança”, como afirma Silva (2018, p. 111). Entretanto, não devem subestimar as capacidades dos alunos com deficiência ou superestimar os trabalhos desenvolvidos pelos alunos sem deficiência. Cada um tem suas particularidades e o mediador dessa relação deve apoiar e incentivar o convívio salutar, respeitoso e inspirador.

A cada bimestre renovam-se os conteúdos exigidos nas séries escolares, e ao aplicar determinados assuntos de Língua Portuguesa para turmas do 9º ano, vemos que alguns alunos compreendem melhor, enquanto outros têm dificuldades, mas com explicações, abordagens diversificadas e práticas adaptadas, as metodologias de ensino se expandem e há possibilidades de concretização da aprendizagem. A atitude do professor, ao ajustar os conteúdos ante as necessidades, faz parte do processo de ensino-aprendizagem, inclusive em algumas ocasiões os alunos ajudam uns aos outros para melhor dinamicidade das aulas. Mas, é o olhar sensibilizado do educador ao aplicar atividades avaliativas complementares que consideram as competências do aluno, que faz a diferença na busca pelo estabelecimento do saber. Fernandes e Viana (2009, p. 307), pontuam:

A sala de aula necessita se consolidar, então, como espaço para a identificação e progresso das diversas habilidades humanas. Deve-se considerar a multiplicidade de situações em que a inteligência se manifesta, de acordo com as necessidades básicas do estudante, para seu aperfeiçoamento como ser humano integral. Nesse contexto, importa assinalar que também a pessoa com deficiência pode ser definida em função

de suas competências, contribuindo, de forma relevante, para a evolução do saber.

Por outro lado, é preciso compreender que as avaliações são ações abrangentes e que envolvem mais que a atribuição de nota e o cumprimento de exigências ou mensuração dos saberes. A avaliação para os alunos com necessidades especiais deve promover, em conjunto, aprendizagem e inclusão e atentar-se para não a exclusão dos indivíduos ou mera análise quantitativa. A escola também engajada na proposta, precisa colaborar para o bom andamento do trabalho avaliativo e dá respaldo aos educadores na busca pelo desenvolvimento pleno dos seres envolvidos nesse processo.

Para Fernandes e Viana (Op. Cit., p. 316, *apud* Alencar 2006): “As metodologias de ensino e avaliação devem enfatizar estratégias *atencionais*, com o uso de: frases curtas, claras e objetivas; conceitos chave; pausas periódicas durante as explicações e organização das informações com os conhecimentos já construídos pelo aluno”.

Então, redirecionamos os currículos, de modo a contemplar todos os alunos e começamos a produzir avaliações que focalizavam as peculiaridades dos sujeitos no campo da aprendizagem com vistas a promover os saberes, mas também a totalidade e potencialidade dos indivíduos ante as atividades que produziram em sala, priorizamos, inclusive as relações humanas estas que são significativas para o fortalecimento da confiança em sala. De acordo com André (1999), a forma de conceber a avaliação permite elaborar hipóteses sobre a eficácia da ação docente, pois é pela avaliação da aprendizagem que verificamos se essa ação promove ou não a construção do conhecimento.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Redimensionar as práticas avaliativas é um ponto central quando na sala de aula há alunos com deficiência, uma vez que é necessário realizar intervenções para melhoria da qualidade do ensino-aprendizagem, das relações em sala, da busca pelos saberes enfim, sem esquecer que a interação deve ser outro ponto de destaque para vivência e inclusão. A escola e todas as esferas interessadas na busca pelo desenvolvimento pleno dos seres precisam trabalhar em conjunto. Pois, quando interligamos a promoção da educação em conjunto com uma equipe multidisciplinar e a família, os vínculos se fortalecem e a parceria escola/família se cumpre, estreitando ainda mais os laços, relevantes para o contexto da aprendizagem.

Para Pequeno (2016, p. 8679):



A escola é um espaço entre outros em que ocorre uma produção de subjetividades. O humano se contagia de ideias, pensamentos, valores que transforma ou mantém as instituições e a sociedade. Ela também possibilita a análise crítica da realidade no sentido de promover a percepção da sua problemática, dos limites, assim como das possibilidades impulsionadoras da reinvenção da escola.

A maioria dos professores da escola Francisca Leite Vitorino faz adaptação do currículo, após analisar a realidade da sala de aula e perceber as dificuldades e/ou deficiências que fazem parte do universo escolar. Mas, contamos também com assistencialismo na Especialista em Educação Especial que faz os atendimentos no AEE para adaptações dos conteúdos na produção das avaliações. Além disso, a escola geralmente trata desta temática com especialistas, direcionando ensinamentos aos educadores. Eis alguns modelos de atividades avaliativas a as descrições dos trabalhos realizados:

ATIVIDADE AVALIATIVA - 1º BIMESTRE

1. OBSERVE A IMAGEM ABAIXO. ELA SE REFERE AOS TIPOS DE ORAÇÕES COORDENADAS SINDÉTICAS. EM SEGUNDA RESPONDA AS LETRAS A E B. (5,0)



- A. PINTE DE AMARELO OS QUADROS QUE TEM AS ORAÇÕES COORDENADAS ADITIVAS:

TROUXE UM LÁPIS E UM CADERNO NOVO PARA A AULA.

PEDI DINHEIRO MAS TAMBÉM PEDI ROUPA NOVA À MAMÃE.

ESTOU TRISTE, ENTRETANTO NÃO VOU CHORAR.

DEUS ME AMA E EU VOU VENCER NA VIDA.

- B. PINTE DE VERMELHO A ORAÇÃO COORDENADA ALTERNATIVA:

VOCE VEM HOJE OU NÃO?

QUER QUE EU FIQUE OU VÁ EMBORA?

DIOGO JÁ CANTOU, JÁ DANÇOU E JÁ PULOU.

DIOGO VEIO E VOLTOU LOGO.

A - 2015 – 1º Bimestre – 9º ano
Conteúdo: Orações Coordenadas
Arquivo: Professora Marília Félix

Avaliação - 2º BIMESTRE

1. Leia o balão abaixo e responda: (2,0)
a) O que o Chaves quis dizer com essa frase? Porque ele falou isso?
b) Provavelmente, o que o Kiko estava pensando?
c) Kiko é um sujeito do tipo simples ou composto?
d) Em: "Kiko é muito chato", temos um verbo de ligação ou intransitivo? _____



2. Identifique o Sujeito, Predicado, Verbo, Complementos verbais – Objeto Direto e Indireto: (2,0)

- a) Chaves e Chiquinha são amigos
b) Kiko e Godinês são felos
c) Popoy quer chocolate branco
d) Seu madrugã não paga o aluguel

3. Leia a charge abaixo e responda A, B, e C: (2,0)

- a) Comente o que compreendeu desta charge
b) Qual a crítica existente neste texto?
c) Marque com um 'X' a alternativa correta. Na frase: "sonhail que setava sendo atendida num hospital publicos", temos uma Oração Subordinada Substantiva do tipo:
() SUBJETIVA () OBJETIVA DIRETA () OBJETIVA INDIRETA



B - 2016 – 2º Bimestre – 9º ano
Conteúdos: Interpretação Textual/Oração Subordinada
Arquivo: Professora Marília Félix

Os arquivos A e B são atividades avaliativas desenvolvidas, respectivamente, no 1º e 2º Bimestre dos anos de 2015 e 2016 com conteúdos distintos em turmas de 9º ano, a saber; Orações Coordenadas, Interpretação Textual e Oração Subordinada. Exploramos diferentes recursos para que os alunos com necessidades especiais diversificadas. Por exemplo, o aluno

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

que respondeu a prova A tem Deficiência Mental, mas realiza atividades com respostas positivas no que diz respeito à pintura associada a desenhos e consegue fazer a correlação de elementos conteudísticos como os que estão ilustrados nesta atividade. Já a atividade B, direcionada para um aluno com Autismo, explora elementos com os quais tem familiaridade – dito em conversação anterior com a educadora (Tirinha do Chaves, Figura Pública Dilma Rousseff). Nesta atividade discutimos acerca da interpretação textual e o conteúdo Oração Subordinada, cada um destes conteúdos já haviam sido enfatizados no decorrer de aulas anteriores.

Estas atividades não estão postas como formas engessadas para o trabalho quantitativo, uma vez que, nos propomos discutir aspectos outros em sala de aula e realizamos adaptações para que a qualidade do aprendizado seja o diferencial, objetivando, dentre outros pontos, a inserção do aluno com deficiência na esfera estudantil, nos currículos escolares e na relação social que se configura a partir do contato com os demais alunos. As avaliações são apenas um instrumento possível para que o professor compreenda as concepções e/ou perspectivas para o aluno que a realiza.

1. Crie uma propaganda bem criativa para o produto abaixo, não se esqueça do slogan. Bom trabalho! (2,5)



2. Veja a tirinha abaixo e em seguida responda ao que se pede: (2,5)



- a) O que compreendeu desta história?
b) Que palavra estudada podemos inserir no 2º quadrinho após a expressão: "eu sei"?

1. Observe o caça palavras e faça o que se pede: (6,5)

- a) Palavra que ocorre processo de Derivação Sufixal (Iniciada pela letra P): _____
b) Palavra que ocorre o processo de Derivação regressiva (Iniciada pela letra A): _____
c) A partir deste radical podemos formar a palavra FLORICULTURA? _____
d) Palavra que ocorre Derivação Parassintética? _____
e) Que outras palavras você encontrou? Quais os processos que ocorrem nelas: _____

P	I	D	I	D
R	N	O	J	A
O	F	L	O	R
F	E	L	I	Z
E	L	Y	U	C
S	I	A	Q	F
S	Z	R	B	H
D	M	A	K	L
P	E	D	R	A
E	N	E	P	M
D	T	I	W	O
E	E	R	G	B

C - 2017 – 3º Bimestre – 9º ano
Conteúdo: Propaganda/Pronome Que
Arquivo: Professora Marília Félix

D - 2017 – 4º Bimestre – 9º ano
Conteúdos: Estrutura das Palavras
Arquivo: Professora Marília Félix

Os arquivos C e D correspondem às atividades realizadas no 3º e 4º Bimestre, em turmas de 9º ano no ano de 2017. A atividade C discute os conteúdos; Gênero textual propaganda e o uso do pronome relativo Que dentro das tirinhas. Tal tarefa fora indicada para

um aluno com Transtornos de hiperatividade e se propõem tratar a escrita e a reflexão para melhor uso do pronome. O aluno realizou a atividade sem dificuldades. Já o arquivo D, tematiza o conteúdo Estrutura e formação das palavras, solicitando que encontre no caça palavras que têm processos distintos na formação. Esta foi indicada para um aluno com Retardo Mental leve e fora realizada sem maiores dificuldades.

Mais uma vez destacamos que tratam-se de atividades complementares para o aprendizado e nos auxiliam a perceber o desenvolvimento do aluno diante determinados conteúdos, os recursos utilizados para instrumentalizar as avaliações colaboram para interatividade e reflexão do conhecimento e acreditamos que nossos alunos têm correspondido bem ao que lhes é solicitado nestas atividades. Precisamos nos aproximar mais das múltiplas realidades que a escola mostra e assim, considerar os saberes do alunado. A escola enquanto centro cultural deve promover o diálogo entre as práticas educativas e o currículo com o contexto da diversidade, advindos das realidades dos alunos.

CONCLUSÕES

As realidades que circundam a educação nos permitem perceber aspectos culturais relativos ao cotidiano dos indivíduos que focalizam desde a compreensão do universo a sua volta, até a formação e/ou articulações que acompanham o universo estudantil. A escola que é um espaço para demonstração da diversidade, pluralidade, é ainda ambiente promotor da interação dos indivíduos, destaca aspectos essenciais para formação e/ou construção das identidades, além de transmitir valores capazes de fazer refletir acerca das transformações que envolvem a cidadania.

Os educadores, os alunos com deficiência e os sem deficiência, quando compartilham o mesmo espaço, desenvolvem atitudes positivas que se manifestam na sensibilidade, na boa convivência com as diferenças e semelhanças, na busca por uma aprendizagem significativa, e que haja a interação, inclusive.

Não se trata, portanto, de homogeneizar os alunos, tratá-los da mesma forma sob o pretexto de que as práticas devem ser iguais para promoção da igualdade. O fato é que devemos enxergar as possibilidades, dificuldades e peculiaridades dos alunos, traçar estratégias diferentes para promover o aprendizado e a interação, ajudar os educandos a compreender o universo à sua volta a partir da observação do outro e perceber que há desafios que podem ser superados, contribuindo assim para que se tornem tolerantes, acolhedoras,

conscientes das diversidades existentes, mas sempre respeitando o espaço do outro, focalizando a educação com uma perspectiva humanista e que desenvolva a ética no dia-a-dia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a toda Gestão da Escola Municipal Professora Francisca Leite Vitorino por nos fazer compreender melhor a vastidão da Educação Inclusiva e promover ações para a inserção respeitosa e compreensiva para a sensibilização de nossa atuação em sala de aula. Agradeço ainda a cada aluno que faz parte da escola e sente-se representado pelas práticas que desenvolvemos em sala de aula.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, M. J. Q. *Avaliar as estratégias de ensino ascensionais na prática do professor de crianças com transtorno do déficit de atenção/hiperatividade*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE AVALIAÇÃO EDUCACIONAL, 3º, 2006, Fortaleza. *Anais...* Fortaleza: Imprensa Universitária, 2006. p. 43-61.

ANDRÉ, M. (Org.). *Pedagogia das diferenças na sala de aula*. Campinas: Papyrus, 1999. p. 11-26.

FERNANDES, Tereza Liduina Gregório; VIANA, Tania Vicente. *Alunos com necessidades educacionais especiais (NEEs): avaliar para o desenvolvimento pleno de suas capacidades*. *Est. Aval. Educ.*, São Paulo, v. 20, n. 43, maio/ago. 2009. Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/eae/arquivos/1495/1495.pdf>> Acesso em Julho de 2018.

PEQUENO, Maria Gorete Cavalcante. *Formação docente e educação ambiental: Entre desafios e sonhos da escola sustentável*. In: XVIII ENDIPE Didática e Prática de Ensino no contexto político contemporâneo: cenas da Educação Brasileira. *Anais...* Cuiabá- MT, 2016. Disponível em < http://www.ufmt.br/endipe2016/downloads/233_11116_37559.pdf> Acesso em Agosto de 2018.

SILVA, Marcelo Oliveira. *A convivência entre crianças com e sem deficiência e o papel do professor na educação infantil*. *Revista Educação Especial*, v. 31, n. 60, jan./mar. 2018 Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/24604/pdf>> Acesso em Junho de 2018.